



## **Identidade na Ausência: a Extinção do Setor de Jornalismo da Rádio Universitária FM 107,9 MHz durante a Gestão do Reitor José Anchieta Esmeraldo Barreto<sup>1</sup>**

Débora Maria Moura MEDEIROS<sup>2</sup>

Márcia Vidal NUNES<sup>3</sup>

Universidade Federal do Ceará

### **Resumo**

A Rádio Universitária FM possui caráter educativo e está vinculada à Fundação Cearense de Pesquisa e Cultura (FCPC), operando a partir da UFC. Este artigo é a segunda etapa de um trabalho que abrangerá os 27 anos da emissora. O levantamento de dados é feito através do método de história oral: entrevistas com reitores, diretores, funcionários, colaboradores e bolsistas. A partir desses testemunhos, será mostrado o desenvolvimento da identidade institucional da emissora, para compreender a maneira como as mudanças no cenário político nacional afetam sua rotina. Este artigo abrange a gestão do reitor José Anchieta Esmeraldo Barreto, de 1983 a 1987, quando o setor de jornalismo da Rádio Universitária foi extinto. Puderam-se compreender melhor as relações de poder internas e externas à UFC nesse período e como elas repercutiram na maneira como a Rádio lida com a informação.

### **Palavras-chave**

História; identidade institucional; Rádio Universitária; rádiojornalismo; redemocratização.

### **IDENTIDADE INSTITUCIONAL: TESSITURA DE IDENTIDADES**

A fragmentação da identidade do indivíduo é resultado das configurações históricas e sociais que deram origem à pós-modernidade, quando mudanças estruturais e institucionais puseram em xeque as noções estabelecidas e, com elas, a sensação de pertencimento do sujeito às estruturas e instituições. Para o teórico jamaicano Stuart

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na Divisão Temática de Jornalismo, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste.

<sup>2</sup> Estudante de graduação do 6º. semestre do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da UFC, email: debmedeiros@gmail.com

<sup>3</sup> Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Comunicação Social da UFC, email: marciavn@hotmail.com



Hall, não só somos pós-modernos, como “‘pós’ relativamente a qualquer concepção essencialista ou fixa de identidade – algo que, desde o Iluminismo, se supõe definir o próprio núcleo ou essência de nosso ser e fundamentar nossa existência como sujeitos humanos” (HALL, 2002, p. 10). Ao invés disso, “dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas” (HALL, 2002, p. 13) e assumimos identidades diferentes para configurações diferentes.

Segundo essa perspectiva, a coesão das sociedades, bem como das instituições que as integram, só seria possível através da articulação entre os sujeitos fragmentados, quando suas convicções e histórias pessoais encontram um ponto de intersecção, para formar algo novo e coletivo. É nesse momento que surgem as identidades institucionais, que podem ser tidas como “histórias cruzadas, resultados transitórios de processos de identificação. Escondem negociações de sentido, choques de temporalidade em constante processo de transformação” (PENTEADO, 1998, p. 22).

Assim como o indivíduo, antes da Pós-Modernidade, era visto como dono de uma identidade estanque e isenta de contradições, as instituições, por muito tempo, foram consideradas órgãos com metas unificadas, em que todos se punham a serviço das concepções de uma liderança arbitrária, sem questionamentos ou ações em sentidos divergentes. No entanto, iniciativas individuais também fazem parte da identidade institucional:

Em uma perspectiva da organização da entidade, o racionalismo, que visa à maximização dos resultados, assume que os membros partilham valores e metas. Quando se tem uma visão dinâmica da organização, são as atividades, as estratégias e as relações que proporcionam o ponto de partida para a análise, evidenciando que os projetos dos membros de uma organização podem ser múltiplos. (PENTEADO, 1998, p. 49)

Estudar a identidade institucional de um meio de comunicação como a Rádio Universitária é uma tentativa de compreender até que ponto as atitudes dos seus profissionais definem a linha editorial, a relação com os ouvintes e com as fontes, além da postura diante das instâncias de poder, sejam elas internas, como a Reitoria e a Fundação Cearense de Pesquisa e Cultura, sejam externas, como o governo, nas instâncias municipal, estadual e federal. Também procura-se verificar a influência da



identidade institucional sobre as trajetórias individuais, seu papel na formação profissional e na definição de projetos pessoais.

## **ARTICULAÇÕES POLÍTICAS INICIAIS**

15 de outubro de 1981. Depois de uma série de articulações políticas, a Rádio Universitária era finalmente inaugurada, em uma cerimônia à qual até mesmo o então ministro de Educação e Cultura, o general Rubem Ludwig, compareceu. A presença daquele convidado, em particular, servia como lembrete das negociações junto ao governo que vinham sendo conduzidas, desde 1979, pelos professores Marcondes Rosa, nomeado diretor de programação da emissora; Clóvis Catunda, diretor executivo; e Rodger de Rogério, autor da idéia de criar uma rádio na universidade e diretor de cultura da emissora.

Para viabilizar aquele projeto, fora preciso dialogar com instâncias de poder internas e externas à Universidade Federal do Ceará. Primeiro, a idéia passara pelo crivo do reitor Paulo Elpídio de Menezes Neto, que logo a encampou. Depois, devido a restrições na legislação relativa à radiodifusão educativa, o reitor Paulo Elpídio teve de convencer o governador estadual, coronel Virgílio Távora, a trocar a concessão FM que o estado possuía pelo canal AM de propriedade da UFC. Por fim, o Governo Federal só deu sua chancela após o afastamento de alguns nomes que estavam à frente do projeto, considerados de esquerda.

Segundo Sílvia Penteado, esses trâmites são naturais no processo de formação da identidade institucional:

A construção da identidade institucional integra efeitos contraditórios: estruturas, sistemas de legitimação e práticas de poder são incorporados, num sentido que se ajusta ao da dominação social global; projetos individuais e coletivos são mobilizados, dando sentido às trajetórias institucionais. (PENTEADO, 1998, p. 108)

Esse processo não terminou com a concretização do projeto. O contexto político continuou a interagir com a rotina da Rádio Universitária e com as metas pessoais de cada um dos que compunham o quadro profissional da emissora, submetendo-os a pressões e desafios.

O período de 1981 a 1983 foi marcado por experiências de aprendizado mútuo e inovação. Profissionais experientes, como o operador de áudio Paulo Roberto Frazão e o



locutor Everardo Sobreira, conviviam com bolsistas de diversos cursos, os quais viriam, muito em breve, a fixar-se na emissora como funcionários efetivos. Além disso, colaboradores, como o dramaturgo Artur Guedes e o professor do Departamento de Física da UFC Dedé Evangelista, contribuíam para criar uma programação educativa e segmentada, como relembra o produtor musical da emissora José Rômulo Mesquita:

Tinha o *Matinata*, que era uma coisa de acordar, músicas suaves. A Rádio acho que entrava às 6h no ar, com o *Matinata*. Depois, o comentário do Marcondes [*Rosa*] – não tô lembrando se acompanhado de um noticiário. Depois, tinha o *Reouvindo o Nordeste*. Depois, tinha o *Brasil em Todos os Tempos*. Aí, sim, o noticiário do meio-dia, o jornal da Rádio, com crônicas e com comentários políticos. O Garganta escrevia uma crônica todo dia, sobre a cidade. O [*Carlos*] Pontes fazia o comentário político e o departamento de jornalismo produzia todo o noticiário, que ganhou prêmios muitos. (...) Aí, depois do noticiário, tinha um programa de música instrumental, chamado – no início, era *Teclados Bem Temperados* (...) e, depois, ele virou *Cordas, Bandas e Metais*, que era tipo depois do noticiário, 1h, meio-dia, até às 2h da tarde. Às 2h da tarde, começava um programa chamado *É Preciso Cantar*. E, depois do *É Preciso Cantar*, tinha acho que já o *Pessoal do Ceará* – não me lembro bem, não. E, aí, o *Fim de Tarde*, que toda vida teve. O Nelson [*Augusto*] criou a *Programação do Ouvinte* logo depois – no início, não tinha; esse era um horário acho que do noticiário. E, à noite, o programa diário era o *Música Erudita*. E não me lembro: aí, tinha, cada dia, um programa variado. (José Rômulo Mesquita, depoimento de 17/03/2008)

A variedade também se dava em relação às fontes consultadas pelo jornalismo da emissora, conforme enumera a jornalista Fátima Leite, que, ainda bolsista, acompanhou a fundação do setor de jornalismo:

A gente, de certa forma, foi, no decorrer do tempo, acompanhando a criação do setor de informação da Universitária, que, desde o seu início, sempre teve o diferencial, né? A gente sempre teve uma relação mais estreita com as entidades de classe, com as organizações populares, a gente sempre teve esse comprometimento com as questões mais gerais da sociedade. (...) Eu acho que nem sempre são temáticas que interessam aos veículos de comunicação da iniciativa privada (...), e a gente, na universidade, de certa forma, tem mais liberdade de cobrir, acompanhar esse tipo de movimento. (Fátima Leite, depoimento concedido em 8/6/2008)

Sindicatos, movimentos sociais, associações de moradores e até mesmo políticos que se opunham ao regime militar eram recebidos pela emissora. Apesar de a censura aos meios de comunicação ainda estar em vigor, a Rádio Universitária atingia uma pluralidade de vozes no espectro ideológico, graças à própria liberdade de que desfrutava no interior da universidade, já que o reitor Paulo Elpídio de Menezes Neto



era um entusiasta do projeto, assim como a tríade de diretores que permaneceu à frente da emissora ao longo de seu mandato.

No entanto, isso mudaria com o fim da gestão do professor Paulo Elpídio, em 1983, e, logo em seguida, a saída dos professores Rodger de Rogério, Marcondes Rosa e Clóvis Catunda da diretoria. Tomava posse o reitor José Anchieta Esmeraldo Barreto, professor da Faculdade de Educação (Faced), e, indicados por ele, sucederam-se na diretoria executiva da emissora os professores Heliomar Abraão Maia, Elian Machado e Débora Soares.

## **O JORNALISMO FECHA AS PORTAS**

Entre os funcionários da Rádio, a gestão do reitor Anchieta, como era chamado, é lembrada principalmente pela extinção do setor de jornalismo, com o conseqüente remanejamento de seus funcionários para outros setores da universidade ou a mudança de atribuições na própria emissora. A produtora musical Almira Murta relembra as circunstâncias da reunião:

Na época que o Anchieta tomou posse, uma das primeiras atitudes dele foi fechar o setor de jornalismo da Rádio. Foi numa reunião traumatizante, porque a reunião não durou dez minutos. E ele convocou essa reunião, disse algumas palavras e extinguiu o setor de rádiojornalismo. Na época, ficou só a Lúcia Helena aqui, e as outras pessoas que eram [*do setor*], o Nonato Lima, a Fátima Leite, foram transferidos para outros setores da universidade. Então, a gente teve, por várias vezes, na Rádio, essa intromissão, censura mesmo – o Anchieta fez isso, né? (Francisca Almira Murta de Lima, depoimento concedido em 10/10/2008)

Então coordenador do setor de jornalismo, Nonato Lima percebeu o caráter político da decisão na própria transferência:

Eu tinha sido transferido para a assessoria de comunicação do reitor, porque era o único lugar onde eu ficaria realmente controlado, porque tudo que saísse dali, o chefe tinha que [*ver*]... Chegou um momento em que me disseram pra eu trabalhar menos, porque eu tava produzindo notícia demais. (Raimundo Nonato Lima, depoimento concedido em 26/5/2008)

Já a jornalista Lúcia Helena, que permaneceu na emissora, constatou o esvaziamento de suas funções: “Eu ficava só ali, marcando presença, fazendo as coisas



da UFC... Nada, né? Igual como os outros, que ficaram nos outros cantos, boiando” (Lúcia Helena Arraes de Alencar Pierre, depoimento concedido em 27/05/2008).

Enquanto, no setor de jornalismo, Nonato Lima e Lúcia Helena conheciam claramente suas atribuições – como coordenador e produtora, respectivamente – e agiam com base nessas convicções, a extinção do setor, combinada às circunstâncias políticas em que ela se deu e aos projetos pessoais de cada um, fez com que ambos passassem por um período em que suas funções no interior da universidade pareciam difusas, como se eles não fossem necessários onde se encontravam.

O exemplo desses dois profissionais respalda os conceitos propostos por Hall e Penteadó anteriormente, segundo os quais o indivíduo interage com as diferentes situações em que se encontra, reconstruindo, assim, sua identidade. Os efeitos de tal mudança também se fazem sentir na instituição em que as identidades modificadas se cruzam, o que reflete transformações na própria identidade institucional.

Gisela Swetlana Ortriwano aplica esses conceitos ao campo da programação das emissoras de rádio, um dos indicadores mais claro dessa transformação institucional no caso de veículos de radiodifusão:

(...) as variáveis que interferem na determinação dos critérios de seleção dos conteúdos dos programas – e, no caso do jornalismo, da informação que será dada a conhecer ao público –, envolvem aspectos múltiplos, interdependentes entre si, abrangendo o macro e o microambiente social em que a emissora está situada. Esses diversos grupos de pressão acabam determinando comportamentos específicos, tanto a nível da empresa como do profissional que nela exerce sua atividade. (ORTRIWANO, 1985, p. 111).

Por macro e microambiente social, pode-se, no caso em questão, entender o Estado e a Reitoria, agindo diretamente sobre a Rádio Universitária e sobre os profissionais em seu interior, os quais reagiam, redefinindo-se.

Leovigilda Bezerra, atualmente diretora de programação, era bolsista da emissora à época e narra suas percepções de como essas inter-relações entre o contexto político nacional, a política universitária e as identidades individuais interagiam:

(...) as Reitorias eram a personificação do regime político do país em cada universidade. Aí, junto ao começo da Rádio, vieram todas as maiores lutas políticas dos estudantes da UFC, dos professores, dos servidores. Foi nessa época a história da passeata da meia que eu te falei, que foi a maior passeata do movimento estudantil. Levamos muito tiro de borracha e mangueirada de mijo e gás lacrimogêneo e muitas prisões. Tudo isso caminhava junto com o início da



Rádio, tudo repercutia lá, né? A música que a gente ia escolher pra tocar, a gente disfarçava as intenções dos programas, por causa da censura. Aqui, dentro da Reitoria, tinha um prédio do SNI [*Serviço Nacional de Informações, órgão coletor de dados sobre lideranças políticas criado pelo regime militar em 1964*], onde a gente era fichado, tinha o nomezinho lá do povo subversivo e tal. Essa história de andar de jeans, cabeludo, de ser maconheiro, veado, que falavam que a gente era, era por conta da ditadura. Qualquer pessoa que não seguisse aquele padrãozinho, direitinho, abotoadinho, limpinho, cabelinho curto, era subversivo, era maconheiro, era comunista, era desequilibrado. (Leovigilda Bezerra, depoimento concedido em 28/05/2007)

E, como já foi dito, a identidade institucional é tecida pelo cruzamento de projeto institucional e identidades individuais, o que, considerando-se o contexto político, pode ter repercutido nas decisões do reitor Anchieta sobre a Rádio Universitária, algo que não foi explicitado à época:

Essas coisas não são assim: alguém assina um papel e a ordem passa não sei pra quem. Isso não vai pros papéis, normalmente. Mas, a gente, juntando os pedacinhos de história, as discussões e tal, a gente descobre como se construiu esse processo. O reitor tinha uma posição mais fechada, eu diria conservadora mesmo, e ele não gostava das posições da Rádio. A Rádio era tida como revolucionária, esquerdista, sei lá, comunista, depois, petista, o que era um equívoco. Na verdade, o que havia era uma posição mais assim: “ora, se o país precisa entrar numa democracia e a Rádio tá no ar, por que não discutir?” Aí, a gente discutia. De vez em quando, a gente entortava um pouco mesmo, eu acho. Mas era muito em função do momento: aquele era o momento de posições claras, era direita e esquerda. Hoje, você já não tem essa discussão, mas, naquele momento, ou você tava com a ditadura ou você tava contra a ditadura. (Raimundo Nonato Lima, depoimento concedido em 26/5/2008)

O setor de jornalismo voltou a funcionar na emissora, com o retorno de seus profissionais às antigas funções, na gestão do reitor Hélio Leite, que sucedeu o professor Anchieta. Apesar das várias transformações positivas trazidas pelo novo reitor (que serão estudadas em outro artigo no futuro), o desmantelamento do setor de jornalismo teve como consequência uma desarticulação duradoura:

Teve um tempo que a gente tinha direção eleita pelos funcionários, tinha coordenador e tudo. Tinha uma reunião toda semana dos coordenadores [*de cada setor*], era uma coisa muito mais articulada do que é hoje, tinha aquela hierarquia. (...) O departamento de jornalismo foi extinto e foi cada um para um lado, aí, quando [*o departamento de jornalismo*] voltou, não teve mais a direção eleita, ficou mesmo só o diretor executivo e o diretor de programação, que englobava tudo. Tinha um coordenador [*do jornalismo*], aí depois não teve mais eleição pra coordenador, porque aos poucos foi acabando. (Lúcia Helena Arraes de Alencar Pierre, depoimento concedido em 27/05/2008)



Assim, o sistema de representatividade que os funcionários da Rádio haviam posto em funcionamento em plena ditadura não conseguiu se restabelecer, mesmo com a chegada da democracia. O poder se centralizou em dois indivíduos, o que abriria precedentes para que as mudanças de reitor afetassem ainda mais profundamente a emissora, visto que o cargo de diretor executivo era ocupado por professores indicados pelo reitor em exercício. As conseqüências dessa nova configuração serão estudadas nos próximos artigos.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A extinção do setor de jornalismo é um dos períodos mais emblemáticos no estudo da formação da identidade institucional da emissora, pois, nele, é possível verificar uma das conseqüências mais concretas das diversas reações que a Rádio despertava no interior da UFC e de como essas reações se interligavam com o que acontecia na política nacional da época.

Por ser um dos momentos mais polêmicos da história da emissora, merece um estudo mais minucioso do que o que foi possível apresentar neste artigo. Ainda é preciso tentar responder a várias questões referentes a esse recorte: como a grade foi preenchida, na ausência de programas jornalísticos? Como era a relação entre a direção executiva da emissora e a Reitoria? O que levou à indicação dos nomes que ocuparam esse cargo durante o período? O que o reitor Anchieta tem a dizer sobre suas ações e a maneira como foram interpretadas?

Assim, pretende-se entrevistar mais funcionários e colaboradores que tenham vivenciado esse período, além dos professores que ocuparam a diretoria executiva e do próprio reitor Anchieta. Afinal, um dos motivos por que o método de história oral foi escolhido para executar esta pesquisa foi o fato de ele permitir a heteroglossia, ou seja, a constituição de um relato partindo de perspectivas divergentes e tecido por várias vozes, o que pode revelar um passado composto de tantas controvérsias como o próprio presente.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: PD&A, 2002.





ORTRIWANO, Gisela Swetlana. **A informação no rádio**: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos. São Paulo: Summus, 1985.

PENTEADO, Sílvia Teixeira de. **Identidade e poder na universidade**. Santos: Unisanta Editora, 1998.